

# Um rebelde chamado Goya

No seu último livro, *A Rebelião Romântica*, Lord Clark traça o conflito épico entre as artes romântica e clássica; neste excerto, o famoso historiador de arte descreve a tempestuosa vida e a obra do gênio espanhol Francisco Goya

KENNETH CLARK

QUASE desde o princípio da sua carreira, os retratos de Francisco Goya tiveram extraordinário sucesso, o que não é surpreendente se observarmos até que ponto ele podia fazer as pessoas parecerem altivas e elegantes. Todo o *beau monde* de Madrid queria ser pintado por ele, e lhe perdoava tudo. Suponho que havia muita coisa a perdoar. Ele era uma jóia de rapaz, que vivia discutindo, brigando, toureando e, é claro, flertando com as moças.

Nascido em 1746, perto de Saragoça, Goya se tornou não só um pintor, mas também um jovem forte e aventureiro. Aos 24 anos, fez carreira na Itália e, antes dos 30 anos, conseguiu um dos melhores empregos da Espanha — desenhista principal dos ateliês das tapeçarias reais. Seus motivos favoritos — feiras, piqueniques, um passeio no inverno, um casamen-

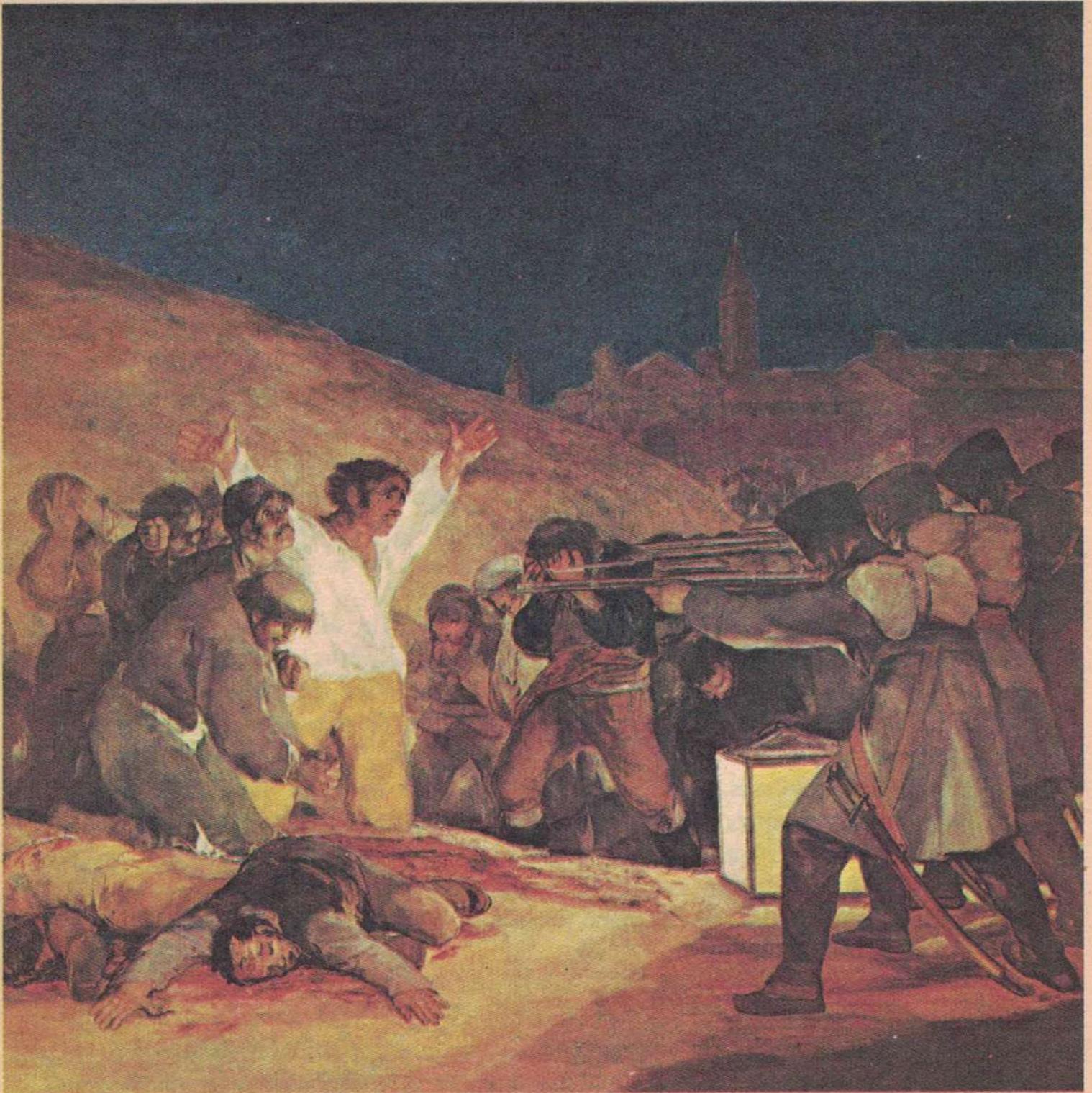
to de aldeia — exigiam que ele pintasse quadros grandes. Obtiveram tal sucesso que, dois anos depois, ele se tornou pintor da Corte.

Eis um dos paradoxos sobre Goya: embora fosse um revolucionário nato, não só como pintor mas também como homem, passou a maior parte de sua vida trabalhando para a Corte; apesar disso, porém, nunca fez a mínima concessão. Quase podemos ouvi-lo «pichando» algum nobre da Corte: «Horrendo, grotesco, um espantalho, mas, no fundo, não é mau sujeito.»

Até os 46 anos, Goya levou uma vida empolgante. Então, em 1792, uma doença misteriosa o debilitou por cerca de um ano. No fim desse ano, ficou completamente surdo. Esse homem, que conhecera a glória da vida, via-se de súbito alijado. Nos anos seguintes, começou uma série de esboços repletos de figuras com cabeças que



*Os primeiros desenhos de tapeçarias de Goya tiveram tal sucesso que ele foi nomeado pintor da Corte. Durante esse período, sua tendência era retratar o lado bom da vida, como nesta «visão encantadora de uma vida feliz e frutuosa»*



«Três de Maio de 1808»

*Neste esplêndido exemplo da sua obra posterior, mais pessimista, a simpatia de Goya pelo homem comum irrompeu num retrato acusador da crueldade humana*

cresciam desde as pernas, anões com mãos enormes, matronas com um só olho, figuras sem cara envolvidas em lençóis, etc. Pintou também cenas da vida real, mas uma vida diferente das dos desenhos das primeiras tapeçarias. Parecia estar obcecado com todas as coisas horríveis que podiam acontecer à humanidade — se a razão não prevalecesse. Não há, realmente, indícios de piedade nesses quadros, mas sim um sentimento de indignação contra a autoridade que, deliberadamente, suprime ou perverte a razão.

Em 1808, uma segunda crise surgiu na vida de Goya, e também na história da Espanha. O rei abdicou, e Napoleão mandou seus exércitos ocuparem o país. De início, Goya fez-se amigo dos invasores, mas, quando viu como se comportavam (destruição desenfreada, carnificina impiedosa), sua simpatia pelo homem comum se reafirmou, deixando um registro da ocupação francesa que é a mais terrível e reprovadora acusação feita à crueldade humana em qualquer época.

Quando os franceses declararam positivamente sua autoridade sobre Madrid, dois oficiais do exército legalista apoderaram-se de um canhão e, de uma colina perto da cidade, dispa-

raram contra os invasores. Em resposta, o general francês ordenou a execução de cinco mil habitantes. Um pelotão de fuzilamento encontrou um lugar conveniente e, no maravilhoso quadro conhecido como «Três de Maio de 1808», vemo-lo cumprindo essa ordem.

Com um toque de gênio, Goya contrastou o servilismo formal e cruel das atitudes dos soldados com a irregularidade esporádica dos seus alvos. Defronte do pelotão de fuzilamento francês, as vítimas cobriam os olhos ou encrespavam as mãos em oração; no centro, um homem de rosto moreno levanta os braços, para que sua morte pareça uma espécie de crucificação. Sua camisa branca enfrentando as armas é como um rasgo de inspiração que inflamou todo o quadro. Para mim, é a melhor tela do pintor.

No fim de sua vida, Goya deixou a Espanha, provavelmente desgostoso com a política do Rei Fernando VII, o terceiro (e o pior) dos seus protetores reais. Com 80 anos de idade (dois anos antes de morrer), escreveu estas palavras: «Não posso ver, nem escrever, nem ouvir. Nada me resta, além da vontade — e essa é uma das coisas que eu conservo em abundância.»



Nosso professor de matemática ensina numa escola de meninos e noutra de meninas. Ele tinha muita dificuldade em controlar as meninas. Uma vez, quando elas estavam interrompendo a aula a toda a hora com conversas e risotas, ele disse, zangado:

«Prefiro um único garoto de ginásio a toda esta turma aqui!»

Dos fundos da sala, ouviu-se uma voz: «Eu também!»

— J. R.